

Maria de Fátima Sousa e Silva (coord.), *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*, Lisboa, Colibri — Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1998.

Foi em 1996, na Grécia, mais precisamente em Corcira, num Encontro Internacional sobre teatro grego antigo, que tudo começou. O desafio aí lançado pelo Centro do Drama Grego Antigo e pelo Instituto de Estudos Teatrais da Universidade de Atenas para que se inventariasse as representações, quer de peças do teatro antigo ou nele inspiradas, quer de obras relacionadas com temas gregos, nos domínios da música, cinema ou bailado, conduziu à criação do projecto de investigação *Network Performance of ancient Greek Drama*, a que aderiram cerca de quinze países europeus, entre os quais Portugal.

Em resposta a este desafio, um grupo de investigadores do Centro de Estudos Clássicos de Coimbra (que incluía classicistas das Universidades de Coimbra, Aveiro e Porto), coordenado pela Doutora Maria de Fátima Sousa e Silva, acabou por ser um pouco mais ambicioso, alargando o âmbito da sua pesquisa também ao teatro e temas latinos. Em pouco menos de um ano, esta equipa reuniu, classificou e sistematizou o material (relativo aos últimos 65 anos) que neste livro se dá a conhecer sob a forma de 165 notícias, quase todas, reflectindo ecos da imprensa e da crítica, com dados sobre a encenação, a produção, os locais e datas de representação, o elenco e a ficha técnica.

Este inventário, que tem o seu começo, em 1943, com a peça de Eugene O'Neill, *Electra e os Fantasmas*, estreada no Teatro D. Maria II pela Companhia Amélia Rey-Colaço–Robles Monteiro (pp. 16-17), e o seu termo, em 1998, com uma adaptação do mito de Édipo, levada à cena pela primeira vez em Espinho pelo grupo «Máscaras» (pp. 79-80), oferece-nos uma relação de 12 representações ou recriações de Ésquilo (pp. 13-31), 41 de Sófocles

(pp. 33-85), 41 de Eurípides (pp. 87-145), 11 de Aristófanes (pp. 147-167), 20 de Plauto (pp. 199-236), e ainda 22 adaptações de temas gregos (pp. 169-198), 7 de temas latinos (pp. 237-246) e 8 de temas musicais (pp. 247-256). Uma leitura transversal deste levantamento permite-nos retirar conclusões não só sobre a «amplitude do fenómeno entre nós», mas ainda, como refere a coordenadora do projecto na contra-capa do livro, sobre «as tendências particulares do gosto português» por determinados mitos e temas. Assim, talvez pela sua grande actualidade e acutilância em determinados momentos da nossa história, *Antígona* surge-nos como a peça mais apreciada e representada (31 vezes) e a que mais recriações teve em língua portuguesa, através da pena de Hélia Correia (pp. 55-56), de Júlio Dantas (pp. 56-58) e de António Pedro (pp. 59-70), dos três o mais representado (7 vezes)¹. Segue-se *Medeia*, com 18 encenações, *Rei Édipo*, com 9, *Prometeu* e *Troianas*, com 7 e *Hipólito*, com 6. Quanto à comédia, as peças mais representadas foram, do lado grego, a *Lisístrata* (5 vezes), e do lado latino, o *Anfitrião* (10 vezes).

Num momento em que se assiste a uma recuperação do gosto pelo teatro clássico, este livro, de leitura fácil e agradável, e com abundantes ilustrações que documentam muitas das encenações inventariadas, constitui, apesar de algumas reconhecidas lacunas, um precioso contributo para a história do teatro em Portugal, mormente do de raízes greco-latinas, «cuja beleza nunca se extingue» (p. 9) e no qual o espectador de qualquer época sempre se revê.

CARLOS MORAIS

¹ De António Sérgio temos também uma *Antígona* que não é inventariada, por não ter sido representada ao longo deste período.